



Acta Comportamentalia: Revista Latina de

Análisis de Comportamiento

ISSN: 0188-8145

eribes@uv.mx

Universidad Veracruzana

México

Guedes, Maria Luisa

Porque o controle aversivo não é uma possibilidade na clínica

Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento, vol. 19, 2011, pp. 65-70

Universidad Veracruzana

Veracruz, México

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274520890007>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Porque o controle aversivo não é uma possibilidade na clínica

Why aversive control is not an option in clinical setting

Maria Luisa Guedes¹

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

(Received: March, 14, 2011; accepted: April, 09, 2011)

In spite of the extraordinary genetic endowment of the human species, including the capacity to be changed very quickly by encounters with the environment, an individual alone, without the help of others, could in one lifetime acquire only a very small part of the repertoire exhibited by the average person. Exposure to other members of the species and to practices which have evolved over the centuries in permitting the individual to profit from what others have already learned makes an enormous difference. (Skinner, 1990, p.98)

A despeito da extraordinária dotação genética da espécie humana, incluindo a capacidade de ser mudado muito rapidamente através de encontros com o ambiente, um indivíduo sozinho, sem a ajuda de outros, poderia, em seu período de vida, adquirir somente uma parte muito pequena do repertório exibido por uma pessoa média. Exposição a outros membros da espécie e a práticas que evoluíram no decorrer de séculos, permitindo ao indivíduo beneficiar-se do que outros já aprenderam faz uma grande diferença.

Essa afirmação de Skinner no início de uma palestra intitulada “A sociedade não punitiva” foi esbochada porque nos situa em relação ao ambiente especial que nos define como humanos. São as relações indivíduo-ambiente sociais que particularmente nos interessam na discussão de controle aversivo. Melhor dizendo, a análise dos efeitos de tal controle nessa relação especial é que nos permitirá uma possível defesa ou uma total intolerância a esse tipo de interação.

Que tal controle existe é fato; e, pior, parece entranhado nas nossas vidas, seja nas relações homem-homem, seja nas relações homem-natureza. Porém, se definimos um evento como aversivo quando ele seleciona a resposta que o remove, também é fato indiscutível o quanto de investimento humano bem sucedido tem sido aplicado na superação de tais relações aversivas. Fome, doença e trabalho exaustivo (citados por Skinner no mesmo texto) bem como frio e calor excessivos não precisariam mais ser problema para o homem. Quando são, na grande maioria das vezes não o são por razões de desenvolvimento tecnológico.

“The only sufferings to which many members of the human species are still exposed are those we inflict upon each other.” (Skinner, 1990, p.98)

“Os únicos sofrimentos aos quais muitos membros da espécie humana ainda estão expostos são os que infligimos uns aos outros.”

Esse membro da espécie humana citado por Skinner é aquele “outro” que se transformou na história da humanidade em ambiente especial traduzido, na história particular de cada homem, em estímulo refor-

1) mlguedes@pucsp.br

rçador positivo não apenas condicionado, mas, também generalizado, por sua habilidade e competência na prática cultural de, consistentemente e por longo tempo, liberar praticamente todos os reforçadores positivos e remover reforçadores negativos incondicionados e condicionados para os bebês da espécie humana.

Assim é que, graças a uma lei comportamental (a da sensibilidade filogenética de um membro da espécie ao estímulo antecedente contingente à relação resposta reforço), o outro se constrói como estímulo discriminativo e um reforçador positivo poderoso. Porém se, ao lado de tanto esforço e investimento nessa autoconstrução como estímulo tão especial, ele ‘infligir’ estímulos aversivos incondicionais, graças à mesma lei comportamental, esse mesmo outro se estabelece como estímulo discriminativo e reforçador negativo. E bem sabemos que ‘infligir’ um estímulo doloroso incondicional, sobre aquele que está sob seus cuidados quando este ‘infringe’ o esperado, é prática cultural frequente para interromper ou adiar a ‘infração’.

O conhecimento básico sobre controle aversivo (Skinner, 1953/2003; Sidman, 1989/2001) já nos permite afirmar com razoável segurança que um primeiro efeito imediato do estímulo aversivo é eliciar respostas reflexas fisiológicas de músculos lisos e glândulas e respostas reflexas de músculos faciais e de postura, conhecidas como respostas emocionais negativas. Outros eventos que precedam consistentemente o estímulo aversivo poderão transformar-se em estímulos eliciadores condicionais de respostas do mesmo tipo. Amplia-se o mundo que machuca, que dói, que assusta!

E as coisas se complicam porque entre tais eventos estão as respostas relacionadas à resposta diretamente punida, que se tornam estímulos eliciadores de respostas reflexas emocionais do mesmo tipo. A própria resposta punida torna-se um forte eliciador de tais estados corporais. É importante lembrar que tal estado corporal, embora possa mesmo interferir com a resposta punida, não consegue impedir sua ocorrência, ou mesmo estágios iniciais, incipientes da resposta, já que os motivos iniciais de sua força continuam presentes.

Ao analisar relações humanas envolvendo controle aversivo, estamos, de propósito, enfatizando as relações respondentes contidas neste tipo de interação, e dentre elas duas fontes eliciadoras importantes: os estágios incipientes da resposta, as respostas encobertas e estímulos sociais, ‘o outro’: sem fazer nada, apenas presente, apenas uma sobrancelha erguida, um passo mais forte, uma ruga no meio da testa, uma boca cerrada, uma mão levantada ou apenas uma palavra e pronto! Estímulos infalíveis! Aquele estado do corpo que é parte do que chamamos de medo, ansiedade, raiva, tensão, estresse, ou, no outro extremo do continuum, depressão. São essas as tais emoções negativas.

Outra parte delas são as predisposições para agir: se houver chance, a fuga, se não, o ataque – direto ou indireto à fonte eliciadora – e, se isto também não for possível, ainda há a possibilidade de simplesmente resistir, não se comportando de acordo com o exigido. Além do fato de estas respostas interferirem com a resposta que operaria a remoção efetiva de tais estímulos, no contexto social elas próprias podem passar a ser também consideradas como ‘infração’. E então mais relações aversivas!

Mais relações aversivas, mais estímulos eliciadores condicionais. Eles são muitos e são diversos: desde os mais óbvios, externos, palpáveis e até que fáceis de serem removidos por simples respostas de fuga, até as respostas encobertas, essas sim de mais difícil remoção, porque aí já é ‘fugir de si mesmo’. Sim, porque respostas encobertas são aquelas sob a pele, observadas e sentidas apenas pelo próprio indivíduo, são estímulos no ou do seu próprio corpo. A presença constante desses estímulos quer dizer que os estados corporais eliciados também são continuados, não há trégua. Ele está constantemente ansioso, amedrontado, tenso – tudo aquilo que ninguém quer se sentir. E então chegamos ao ponto mais importante do controle aversivo: qualquer resposta que remova o estímulo aversivo será reforçada.

Este é o efeito mais importante do controle aversivo: uma vez criados, estes novos estímulos aversivos passam a ser operações motivadoras evocativas de toda e qualquer (com ênfase no qualquer) resposta que os remova, ou pior, que minimamente os suavize, nem que seja por um curto e imediato período de tempo.

Pronto! Aqui estão nossos clientes. Produtos diretos de tais contingências, eles chegam não só com os efeitos reflexos corporais diretos dos estímulos aversivos sofridos ou com respostas de fuga ou de ataque

condizentes, mas com comportamentos bizarros, inexplicáveis, ilógicos, sem sentido, doentios, perigosos. Não importam os adjetivos (que, em geral, mudam de acordo com o grau de interferência no padrão definido, pelo grupo, como qualidade de vida); todos têm em comum um fato: fortaleceram-se porque removeram e removem com alguma eficiência, não necessariamente os estímulos aversivos geradores do estado corporal, mas, sim, o próprio estado corporal desconfortável. E esse é o problema: nada está sendo resolvido; se sobre as contingências originais do estado corporal desconfortável não foram feitas mudanças, claramente se elas não foram retiradas e continuam presentes. O operante reforçado negativamente tem o seu motivo garantido: os estímulos condicionais eliciadores continuam presentes e continuam aversivos porque não sofreram procedimento de extinção respondente.

Resumindo (e repetindo): o indivíduo é punido socialmente (relembrando que um estímulo previamente confirmado como aversivo, ou seja, cuja remoção – para aquele indivíduo – reforça o comportamento que o remove, é aplicado, por outro indivíduo, contingente a uma resposta específica). Os primeiros movimentos serão, nessa ordem de possibilidade, fugir ou atacar ou simplesmente teimar. Para o agente controlador que será reforçado pelo fim do comportamento (para ele um estímulo aversivo) nenhuma das três possibilidades anteriores será satisfatória, senão pela interrupção da interação, ou da sequência comportamental do indivíduo controlado, no mínimo porque qualquer uma delas pode significar uma infração social, denunciando assim a perda de poder do controlador. Resta-lhe então punir a fuga, a revolta ou a teimosia. Para o indivíduo punido, agora por outro comportamento, diga-se de passagem, também e tão bem fortalecido pelos reforços apropriados quanto o primeiro comportamento punido, resta-lhe a condição de assustado, medroso, ansioso diante de estímulos que precederam os estímulos aversivos – pode ser qualquer aspecto, ou mínimo detalhe do ambiente físico ou do agente controlador ou do seu próprio comportamento. E é essa a condição propícia para o reforçamento negativo de qualquer ação que afugente o que está sendo sentido. Nessa hora vale tudo: desde ingerir substâncias que produzam efeito imediato direto no estado corporal; realizar ações que produzam uma emoção que se sobreponha, por exemplo, gerando dor ou produzindo adrenalina; ocupar-se com qualquer outra coisa, mesmo que desnecessária, parar qualquer ação do continuum da classe que foi punida, mesmo as que não seriam nunca punidas. Contingências punitivas também produzem alterações (para não dizer distorções ou déficits) no processo discriminativo, que não aconteceriam sem elas. Esta nova classe de operantes tem o seu fortalecimento garantido porque é negativamente reforçada pela remoção do estado corporal; remoção imediata sim, porém de curta duração, porque estímulos eliciadores responsáveis pelo inicio de toda a cadeia comportamental continuam presentes e então tudo se repete.

Se a esse quadro acrescentarmos a possibilidade de a ação que remove o aversivo também produzir reforçamento positivo, então fica mais fácil entender como tais comportamentos, que, aparentemente, não tem nada a ver com aquele primeiro originalmente punido, podem se fortalecer a ponto de se constituírem como o repertório principal daquele indivíduo.

O objetivo desse texto não era uma apresentação rigorosa de novos dados sobre controle aversivo, mas, antes, uma reflexão sobre os efeitos que já conhecemos. E conhecemos bem, já que esse controle permeia, quase define, praticamente caracteriza as interações humanas. E como diz Skinner na sua palestra de 1972, dele não temos conseguido nos livrar. E Skinner é simples ao explicar que, afora o valor reforçador evolucionário que impor força ao outro possa ter,

We learn to use aversive measures; we also learn to accept the aversive practices of culture of which we are a part. ... For those who are powerful enough to use it, punishment has rewarding consequences. ... The unwanted consequences I have mentioned are all deferred. Unfortunately, we are much more likely to be affected by things that happen quickly....The immediate rewards of using punishment are much more powerful than the deferred disadvantages and losses. (Skinner, 1990, p.100)

Nós aprendemos a usar medidas aversivas; nós também aprendemos a aceitar as práticas aversivas da cultura da qual somos parte. ... Para aqueles que tem poder suficiente para usá-la, punição tem consequências recompensadoras.....As consequências indesejáveis que eu mencionei são todas atrasadas. Infelizmente, nós somos muito mais prováveis de sermos afetados por coisas que acontecem rapidamente. As recompensas imediatas de usar punição são muito mais poderosas do que as desvantagens e danos atrasados.

Então ... muitos dos efeitos desastrosos conhecemos, algumas pistas para entender porque usamos e abusamos também temos. Os conceitos básicos da Análise Experimental do Comportamento nos instruíram nessa reflexão. As leis comportamentais básicas de condicionamento respondente e operante, explicadas e demonstradas na Ciência e Comportamento Humano de B. F. Skinner, principalmente nos capítulos V sobre comportamento operante; no X sobre o fenômeno da emoção; no XI em que o autor enfatiza relações comportamentais aversivas, esquiva e ansiedade ; no XII específico sobre punição. Os capítulos XIV, sobre análise de casos complexos e XXIV, análise da psicoterapia enquanto agência de controle social e ainda o capítulo 7 do livro de Skinner (1989/1991), Questões Recentes na Análise do Comportamento, são também fundamentais para as idéias aqui apresentadas.

E muito, e muito mesmo, ainda falta para uma compreensão e domínio do fenômeno comportamental da punição. Existem mesmo efeitos favoráveis? A curto e a médio e longo prazos? Compensam ou superam os efeitos nocivos que já conhecemos? Vamos admitir que seu uso é mesmo inevitável e imperioso nas relações humanas ou vamos nos comprometer –não importa para quando – com novas e menos duvidosas práticas?

O conhecimento científico e tecnológico de outras áreas continua ousando no sentido de minimizar o sofrimento e desconforto humanos. Remédios não são mais amargos, não ardem, não doem. Investe-se na busca de anestésicos cada vez mais potentes e aperfeiçoados. Exemplos simples e restritos, mas que traduzem a direção da ação: dor física não precisa fazer parte do mundo humano. Elas existem na medida direta do desconhecimento científico e tecnológico.

No nosso caso, nossas dores comportamentais, que são nossas relações aversivas, tem sido um grande desafio. Os efeitos desastrosos saltam aos olhos. Sua utilização em procedimentos terapêuticos tem causado grandes polêmicas e poucos resultados a longo prazo na história da terapia comportamental. Por isso pesquisas sobre controle aversivo são bem-vindas e necessárias.

Na clínica, se reconhecemos os problemas como frutos de relações comportamentais aversivas, não faz sentido propô-las; elas não só não resolverão os problemas, mas criarião outros. Assim faz todo o sentido adotar o que Sidman (1989/2001) apresenta no último parágrafo do primeiro capítulo de “Coerção e suas implicações”:

... colocar praticantes de terapia aversiva no contexto de uma sociedade na qual controle coercitivo é uma política estabelecida é destacar que, como cientistas, eles não estão fazendo descobertas, como terapeutas, eles não estão fazendo nada que requeira treino ou competência especiais . . .
(Sidman, 1989/2001, 1995, p.43)

REFERÊNCIAS

- Sidman, M. (2001). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sério. Trans.). Campinas, SP: Livro Pleno. (Obra original publicada em 1989)
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e Comportamento Humano* (J. C. Todorov & Rodolpho Azzi. Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1953)

- Skinner, B. F. (1991). *Questões Recentes na Análise do Comportamento* (A. Liberalesso. Trans.). Campinas, SP: Papirus. (Obra original publicada em 1989)
- Skinner, B.F. (1990) The non-punitive society. *Japanese Journal of Behavior Analysis*, 5, 98-106.

RESUMO

As relações comportamentais estabelecidas entre as pessoas compõem o ambiente especial que nos distingue das outras espécies. Embora muito do sofrimento humano decorrente das relações com a natureza tenha sido amenizado com os avanços tecnológicos, aversividades advindas de relações entre indivíduos são ainda frequentes. Nas relações sociais, por emparelhamento, um indivíduo pode ser um reforçador condicionado e generalizado, porém, ao inflictir estimulação dolorosa incondicional a outro, este pode, também, tornar-se um estímulo aversivo condicionado. Os efeitos do uso de estímulos aversivos já são bastante conhecidos: elicição de respostas emocionais negativas, predisposição para fuga e ataque à fonte estimuladora, etc. Entretanto, tais efeitos não impedem a ocorrência do comportamento punido e dispõem o indivíduo a agir de qualquer modo que amenize os estados corporais indesejáveis produzidos, com alta probabilidade de interrupção da interação com o indivíduo controlador. O objetivo do presente texto não foi uma apresentação rigorosa de novos dados sobre controle aversivo, mas, uma reflexão sobre os efeitos já conhecidos. Muitos dos efeitos desastrosos do controle aversivo já foram descritos, assim como algumas pistas para entender porque abusamos dele. Porém, dado o grande desafio em promover o abandono de tais práticas, pesquisas sobre controle aversivo ainda são bem-vindas e necessárias.

Palavras-Chave: Controle Aversivo; relações sociais; análise do comportamento.

ABSTRACT

The behavior relations established among people compose the special environment which distinguishes us from other species (the social environment or culture). Although much of the human suffering caused by the direct relations with the nature have been attenuated due to technological advancements, the suffering generated in the aversive relations among individuals is still frequent and an equivalent progress in the reduction of its effects hasn't taken place yet. As a function of the evolutionary history of the specie antecedent events contingent to the response-reinforcement relation acquire properties similar the consequent stimulus. In the social relations, as well as one can be a conditioned and generalized reinforcer, by inflicting painful unconditional stimulation to another, one can also become a conditioned aversive stimulus. Defining aversive stimuli as the one which selects the response that removes it, the damage to the social relations that the aversive control can exert can be estimated. The effects of the aversive stimuli use are already widely known among behavior analysts and it entails: negative emotional responses elicitation, predisposition to escape, attack against the stimulus source or acting in an incompatible way to the demanded, etc. However, such effects besides not preventing the occurrence of the punished behavior, predispose the individual to act in any manner that relieves the undesired corporal states produced, be it through the ingestion of substances, engaging itself in bizarre, dangerous or illogical behaviors or even interrupting the social interaction with the controller. In the clinical setting, these effects are frequently observed and aversive behavior interactions are the base of many of the diagnosed problems. Thus, it is contended that the use of aversive strategies in the therapy must be abolished not only because they don't solve the problem but also because they produce others. The objective of the present text was not a thorough display of new data about aversive control, but

a reflection about the already known effects instead. Many of the hazardous effects of the aversive control have already been described, as much as some clues to understand why we use and abuse it. Nevertheless, hence the great challenge in promoting the abandonment of such practices, research on the aversive control is still welcomed and needed.

Key-words: Aversive Control; Social Relations; Behavior Analysis.Nota del autor